

A PRIMEIRA CONFEÊNCIA NORTISTA DE TISIOLOGIA BAHIA, 1938

Maria Elisa Lemos Nunes da Silva¹

Resumo: A presente comunicação trata da Primeira Conferência Nortista de Tisiologia, ocorrida na cidade de Salvador entre os dias 24 e 27 de novembro de 1938. Organizada pelo Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose – IBIT, esse evento objetivou discutir propostas para o enfrentamento da tuberculose, articulando os “tisiólogos do norte” e preparando-os para participar do Primeiro Congresso Nacional de Tuberculose. Ainda que a participação dos “estados do norte” não tenha ocorrido como o esperado, as discussões realizadas nessa Conferência acabaram instituindo o que foi chamado de “questões específicas regionais da tuberculose” e, embora tenha havido dificuldade em defini-las, elas se constituíram como uma estratégia discursiva, utilizada a partir de então, para a demarcação de um espaço profissional em âmbito nacional.

Palavras-chave: Tuberculose; Conferência Regional; IBIT.

Entre os dias 24 e 27 de novembro de 1938, ocorreu na cidade de Salvador a Primeira Conferência Nortista de Tisiologia. Organizada pelo Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose – IBIT, instituição privada criada, em 1937, pelo médico José Silveira, objetivava articular os tisiólogos do “norte”, garantindo discussões e propostas para o enfrentamento da tuberculose.

Nesse momento, a chamada *peste branca* continuava sendo a doença de maior incidência e mortalidade em diversas cidades do Brasil. No caso específico da cidade do Salvador, entre os anos de 1932 e 1936, 6.733 pessoas morreram por causa dessa doença, o que representava um coeficiente de mortalidade de 463.0 óbitos por 100.000 habitantes.²

A Primeira Conferência Nortista de Tisiologia contou com a cobertura da grande imprensa local. Dois dias antes do início das suas atividades, o jornal *Diário da Bahia* divulgou a “abertura solene dos trabalhos”, prevista para ocorrer “no salão nobre da Faculdade de Medicina da Bahia”.³ Depois de iniciado o evento, esse mesmo periódico publicou diariamente matérias sobre a Conferência, sempre elogiando a sua organização, pontualidade e relevância das discussões ocorridas.⁴

Ainda que tenha sido direcionada aos profissionais do “norte do Brasil” foram convidados representantes de outros estados, apesar da sua escassa presença. O médico Aloísio de Paula veio ao evento como representante da Sociedade Brasileira de Tuberculose. A participação dos estados do norte, não ocorreu como o esperado.

Apenas compareceram representantes do Rio Grande do Norte. Foi o caso, por exemplo, do médico Carlos Alberto Passos, chefe do Serviço de Radiologia do Hospital Miguel Couto, da cidade de Natal, que veio especialmente para participar do evento.⁵ Os demais mandaram congratulações, mas não puderam estar presentes, ou não se sentiram motivados para tal. E essa ausência era significativa, pois talvez refletisse a pouca importância dada ao evento pelos demais “estados do norte”, ou mesmo revelasse a frágil penetração de José Silveira entre os “tisiólogos do norte”.

Se esse foi o primeiro evento em Salvador a tratar especificamente da tuberculose, não foi, no entanto, o primeiro a discorrer sobre essa temática no país. Afinal, alguns meses antes, ocorreu na cidade do Rio de Janeiro a primeira Conferência Regional de Tuberculose, cujo objetivo era articular os tisiólogos do Sul do país.

A Primeira Conferência Nortista de Tisiologia também não foi o primeiro evento a ter a tuberculose como ponto de pauta na sua programação. Em 1935, durante o Primeiro Congresso Regional de Medicina da Bahia, a tuberculose, ao lado da sífilis, da lepra e da esquistossomose foi um dos temas de discussão. Nessa ocasião, inclusive foi apresentado um plano de combate a essa doença.⁶ Aliás, a reunião de médicos em congressos não era novidade na história da profissão médica no Brasil e na Bahia. Mas os congressos e conferências específicos de tuberculose surgiram no final da década de 1930.

Tanto a Primeira Conferência Regional de Tuberculose, ocorrida no Rio de Janeiro, quanto a Primeira Conferência Nortista de Tisiologia se colocaram como preparatórias para o Primeiro Congresso Nacional de Tuberculose que aconteceria no Rio de Janeiro, em 1939. Esses eventos eram voltados para a categoria médica, principalmente para os profissionais que se especializavam em tuberculose. Os tisiólogos, vinculados a instituições diversas, buscavam discutir temas importantes da sua área e ampliar o prestígio da sua especialidade.⁷ Eles reivindicavam a obrigatoriedade do ensino de tisiologia nas Faculdades de Medicina, através da criação de cátedras específicas. Seus discursos e práticas não eram homogêneos, afinal não representavam um corpo monolítico de saberes, mas buscavam uma unidade mínima necessária para intervir na sociedade.

Apesar de terem ocorrido em plena ditadura do Estado Novo (1937-1945), período marcado pelo autoritarismo, por prisões e perseguições políticas, geralmente contavam com a presença governamental nas suas solenidades de abertura, seja por afinidade política ou mesmo como estratégia para envolver o governo em um projeto de enfrentamento da tuberculose. Aliás, nesse momento, intensificaram-se as investidas

centralizadoras por parte da União. Promessas foram feitas no sentido de um maior apoio à luta antituberculose. O governo federal, a partir de 1937, deu início a um plano de construção e instalação de sanatórios em diversos estados, apesar do resultado dessas ações não representar uma melhora efetiva no quadro geral da tuberculose no Brasil.⁸

Em relação à Conferência Nortista de Tisiologia não foi diferente. No seu processo de preparação, o médico José Silveira, como presidente da comissão organizadora, juntamente com o colega de profissão José Figueiredo dirigiu-se ao Palácio da Aclamação para convidar o interventor Landulfo Alves. Este não foi pessoalmente ao evento, mas se fez representar na sessão de abertura pelo então Secretário de Educação e Saúde, Isaias Alves.⁹

A Conferência Nortista de Tisiologia foi estruturada a partir de três temas centrais: “Fatores econômicos e epidemiológicos que deve[riam] orientar a campanha anti-tuberculosa no norte do Brasil”; “O problema terapêutico das cavernas tuberculosas do pulmão” e o “Valor dos índices hemáticos no diagnóstico e no prognóstico da tuberculose pulmonar”.¹⁰ Como na maioria dos eventos dessa natureza, além da programação específica composta por conferências, palestras e pelas apresentações e discussões dos trabalhos da área de tisiologia, havia as atividades sociais que buscavam envolver os setores dominantes locais. No dia em que foram iniciados os trabalhos, a Cia. Nestlé ofereceu, no *Yatch Club* da Bahia, no período da tarde, um “Leite Maltado” em homenagem aos médicos participantes. Encerrada a sessão de abertura, os congressistas visitaram uma “Exposição de produtos farmacêuticos”, organizada por empresas exportadoras.¹¹ Ao final da Conferência, houve um baile no *Club Fantoches*, organizado por “distintas damas da Sociedade”, cuja renda arrecadada foi destinada à construção da sede própria do IBIT.¹²

Na sessão de abertura da Conferência Nortista de Tisiologia, José Silveira, como presidente da comissão organizadora, proferiu pronunciamento, ressaltando a importância do evento, articulador dos tisiólogos do norte do país.

Ele chamou atenção para o fato de que a ideia de organizar conferências e congressos de tuberculose no Brasil estava inscrita na fundação do IBIT, mas a carência de recursos em que o instituto se encontrava impediu que fossem realizadas, cabendo ao Rio de Janeiro o movimento em favor de um Congresso Nacional de Tuberculose. Nas suas palavras,

Vivia assim entretida no nosso espírito a ideia da reunião de um certame científico da especialidade quando surgiu, no Rio, o movimento em favor de um Congresso Nacional de Tuberculose. Sem por tempo em meio, os tisiólogos cariocas num dinamismo invejável

com Mac-Dowell, Aloysio de Paula, Ary Miranda, à frente, realizaram brilhantemente a Primeira Conferência Regional de Tuberculose, passo preparatório para o Congresso definitivo. Congregavam-se, assim, os tisiologistas do Sul. Era mister que se aproximassem os do Norte. E não por um exemplo comum de imitação; mas porque não se entendia que na formação de um movimento antituberculoso no Brasil não fosse ouvida a voz dos estudiosos do norte, onde o problema se apresentava sob condições especialíssimas que precisam ser conhecidas e atendidas.¹³

Silveira ressaltava que a doença no norte não era, em essência, diversa da do sul. O que havia de diferente era o ambiente em que ela se desenvolvia, eram as características especiais que “o meio” imprimia aos problemas a ela relacionados, a exemplo da questão racial, da incidência da tuberculose na zona rural e da relação entre a tuberculose e doenças como a esquistossomose, típicas da região.¹⁴ Daí “a necessidade de orientação própria no seu estudo e na sua análise, de normas específicas de combate aplicáveis ao caso regional”.¹⁵ Para Silveira, no norte se morria mais de tuberculose do que no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre. E isso se devia a uma série de fatores epidemiológicos, étnicos, sociais, econômicos que eram “inteiramente peculiares ao norte do país.” Lembrava, então, do grave problema habitacional e chamava atenção para a questão da tuberculose rural. Ressaltava também a importância do estudo da associação entre a tísica e doenças como o impaludismo e verminoses.¹⁶ Mas essa posição era defendida sem que ele se opusesse ao projeto nacionalista e centralizador do período. Afinal, no movimento antituberculose do Brasil, os “tisiólogos do norte” deveriam dar sua contribuição e ocupar posições estratégicas nas suas decisões. E apesar de chamar atenção para esses “aspectos regionais”, concluía, assim como fizeram os participantes da Conferência Regional do Rio de Janeiro, conclamando todos os tisiólogos brasileiros a se unirem em torno de uma tisiologia nacional.

A leitura do pronunciamento feito por Silveira também apontava para o reconhecimento do inegável pioneirismo do sul no que diz respeito às questões relacionadas à tuberculose. Talvez por isso os médicos Clemente Ferreira, de São Paulo, e Clementino Fraga e Cardoso Fontes, do Rio de Janeiro, tenham sido considerados os presidentes de honra da Conferência Nortista.

Ainda que a Primeira Conferência Nortista tenha sido uma espécie de “Conferência Baiana”, na medida em que foi pífia a representação dos outros estados da região, abriu espaço profissional para José Silveira e para o Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose. E esse espaço extrapolou as fronteiras locais ou mesmo da chamada região norte.

Evocar os aspectos regionais da tuberculose era uma forma de ocupar espaço em âmbito nacional. Isso por exemplo pode ser observado quando da realização do Primeiro Congresso Nacional de Tuberculose, evento mais importante da área de tisiologia, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1939. José Silveira como representante do IBIT buscou marcar posição em diferentes momentos, ao lado de médicos representantes de vários estados da federação, bem como de autoridades governamentais, a exemplo do Ministro de Educação e Saúde.

No pronunciamento proferido na sessão de abertura, intitulado “Em nome dos congressistas”, ele lembrou a diversidade do Brasil, um país no qual a civilização e a cultura se dispersavam de modo irregular e heterogêneo, e defendeu que não se desprezasse, no que diz respeito à tuberculose, a influência das “características próprias regionais”.¹⁷ Ele elogiou os organizadores do I Congresso Nacional por terem solicitado aos tisiólogos dos diversos estados que apresentassem sua colaboração.

Ao falar sobre a tuberculose na Bahia, no tema relativo à organização da luta antituberculosa no Brasil, considerou como um grande problema naquele estado o aumento da tuberculose no meio rural. Chamava atenção para o fato de que no interior ainda havia a influência de doenças como “a malária, a esquistossomose, a poliverminose que, inferiorizando o homem”, tornava-o “incapaz de maiores reações diante da tuberculose”.¹⁸ Silveira, então, sugeria uma tríplice tarefa para a execução da campanha antituberculose na Bahia: a organização de um armamento capaz de fazer frente às devastações da onda epidêmica; a execução de medidas de ordem econômica e social que melhorassem o padrão de vida da população; e por fim, a pesquisa de todos os problemas regionais que imprimiam à “epidemiologia da tuberculose características individuais”.

José Silveira vai buscar construir o que chama de questões específicas regionais, baseado nos elementos regionais inscritos no interior da formação discursiva naturalista, que considerava as diferenças entre os espaços do país como um reflexo imediato da natureza, do meio, da raça. Ou seja, as variações de clima, de vegetação, de composição racial da população explicavam as diferenças de costumes, hábitos, práticas, enfim explicavam as diferenças regionais.

Portanto, vai “atualizar” ou mesmo se apropriar da ideia naturalista de inferioridade do continente americano, passando a aplicar esse tipo de interpretação para a Bahia, ao falar de “raça e de meio”, como elementos que caracterizavam as questões específicas regionais voltadas para a tuberculose.

Nos anos de 1930 há uma produção intelectual que demarcava posição no que dizia respeito ao regionalismo. Em 1937, por exemplo, Gilberto Freyre, um dos maiores ideólogos do regionalismo nordestino, publicou *Nordeste*, considerado como uma síntese dos elementos regionalistas nordestino na perspectiva desse autor.¹⁹ Para Freyre, a região nordeste correspondia ao “espaço” que ia do Recôncavo ao Maranhão, tendo Pernambuco como centro.²⁰

A presença propriamente de um discurso regionalista no Brasil, no entanto, é anterior, podendo ser situada na segunda metade do século XIX, com o processo de construção da nação e de centralização política do Império.²¹ Esse regionalismo se caracterizava pelo enfoque nas questões locais e separatistas. O norte vai aparecer como área inferior do país pelas próprias condições naturais, seja na imprensa do sul, nos trabalhos dos intelectuais que adotavam os paradigmas naturalistas, seja no discurso sobre a seca. Aliás, foi a grande seca de 1877 que contribuiu para a constituição de um discurso problematizador dessa área. As bancadas nortistas conseguiram incluir na Constituição de 1891 um artigo que obrigava a União a destinar verbas para as áreas vítimas da seca.

É, no entanto, na década de 1920, que um novo discurso regionalista se constituiu extrapolando as fronteiras dos estados e buscando se articular com um espaço maior. Nesse momento, a emergência de uma formação discursiva nacional contribuiu para a constituição de uma consciência regional generalizada, e que reservava para o recorte regional uma posição de subordinação.²² Esse não era o caso paulista, por exemplo, cujo regionalismo construído no final do século XIX, com a abolição da escravidão e a proclamação da república, se configurava como um regionalismo de superioridade. São Paulo se apresentava como o “berço” do progresso e da civilização, a porta de entrada para o moderno.

Mas, no início dos anos de 1920, os termos norte e nordeste ainda eram usados como sinônimos, pois a separação entre a área amazônica e a área ocidental ainda estava se processando.

Na Bahia, a construção por parte de setores da elite de um discurso que enfoca questões regionais ocorreu a partir da instalação do período republicano com a percepção da progressiva perda de status do estado nesse novo momento. Esse sentimento de perda foi passado de geração para geração.

A partir de 1930, a referência ao suposto passado proeminente da Bahia vai ser presença marcante na produção intelectual de um grupo político que se organizou em torno do “autonomismo”, criticando o modelo nacionalista e centralizador do governo

de Getúlio Vargas. Esse grupo formou uma das mais importantes correntes políticas de então, a Concentração Autonomista da Bahia, cuja principal reivindicação era a autonomia do estado frente ao poder central.²³ Apesar de não haver homogeneidade entre os membros desta corrente política, eles se unificaram, pelo menos temporariamente, para fazer frente ao governo de Juracy Magalhães e de Getúlio Vargas, defendendo que a organização do Estado brasileiro só seria viável se a autonomia estadual fosse respeitada, pois a centralização não interessava aos grupos regionais.

Portanto, a presença de um enfoque delimitado por preocupações regionais não era uma especificidade ou uma exceção de José Silveira e daqueles que representavam o IBIT na Primeira Conferência Nortista de Tisiologia, mas uma característica do período. Aliás, como homem do seu tempo, membro de uma elite letrada, ele devia acompanhar essa discussão, ou mesmo ser por ela influenciado. É possível até que Silveira tenha lido o livro *Nordeste*, afinal se considerava um bibliófilo, um apaixonado por livros. Mas nada foi encontrado que levasse a essa conclusão. Inclusive, ele mantém no seu discurso a antiga divisão do Brasil em duas grandes regiões: Norte e Sul. É bem possível, ainda, que ele estivesse acompanhando nesse período as investidas políticas do grupo que se organizava em torno dos “autonomistas”, com sua ênfase nas questões regionais. Afinal, o IBIT foi criado alguns meses antes da instalação do Estado Novo. E Silveira começou a intervir publicamente em relação às questões voltadas para tuberculose nos anos que se seguiram à “revolução de 1930”, quando ganhava destaque o enfoque regional na perspectiva dos “autonomistas”, ressaltando um suposto “passado de glória” da Bahia.

No entanto, não é possível estabelecer relações mais diretas entre Silveira e os “autonomistas”, pois ele não chegou a assumir, ao longo da sua vida, qualquer posição política partidária. Autodenominava-se um “conciliador”, chegando a afirmar que a “política não era o seu forte”, apesar do caráter político dessa afirmação. Sempre elogiou os governos que apoiaram e investiram na luta antituberculose e no IBIT.

Por fim, à Primeira Conferência Nortista de Tisiologia seguiu-se, em 1940, a segunda conferência na cidade do Recife e a terceira, ocorrida em Manaus, em 1953. Nesta última conferência, Silveira saudou a comissão organizadora, em nome dos “delegados do Norte”, enfatizando o pioneirismo baiano em promover, em 1938, a Primeira Conferência Nortista. Segundo ele, a Bahia tinha lançado a semente “carinhosamente acolhida em Pernambuco”, ao sediar a II Conferência Nortista, em 1940. Enfatizou as dificuldades em dar continuidade ao evento nortista, que quase deixou de se realizar, se não fosse o “grande e singular exemplo de indomável vontade e

supremo idealismo de um punhado de homens que trabalham no extremo norte, esquecidos e tantas vezes injustiçados, lutando contra a espécie de resistências, num ambiente adusto e pobre, animados tão só e exclusivamente pela crença humana e patriótica”.²⁴

Portanto, a referência ao pioneirismo baiano em inaugurar as conferências específicas de tisiologia, assim como o enfoque nos aspectos regionais da tuberculose, foram uma forte estratégia discursiva empreendida por José Silveira, em nome do IBIT, apesar da dificuldade em definir quais seriam essas questões regionais e do IBIT ter sido criado como um instituto brasileiro para investigação da tuberculose.

De qualquer forma, o discurso que evocava as mazelas da região encobria as diferenças de classe. As questões regionais da tuberculose eram construções discursivas para se referir às próprias questões sociais que envolviam a doença, relacionadas às precárias condições de vida e de trabalho, ou seja, questões presentes em todo o Brasil.

NOTAS

¹ Maria Elisa Lemos Nunes da Silva. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: elisa.lemos@uol.com.br

² NUNES, Fábio de Carvalho. *A mortalidade por tuberculose na cidade do Salvador*. Secretaria de Educação e Saúde. Salvador-Bahia, 1949, p. 21 e 23.

³ *Diário da Bahia*, 22 de novembro de 1938, p. 3.

⁴ Ver: *Diário da Bahia*, dias 25 e 26 de novembro de 1938, p. 3; *Diário da Bahia*, 27 de novembro de 1938, p. 8.

⁵ *Diário da Bahia*, 22 de novembro de 1938, p. 3.

⁶ SILVEIRA, José. *Plano de ação anti-tuberculose*, apresentado no Primeiro Congresso Regional de Medicina da Bahia, em 1935 (mimeo).

⁷ André de Farias Pereira Neto, estudando o Congresso dos Práticos (Prático era a denominação dada ao médico praticante da profissão), que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1922, faz referência ao prestígio que a tisiologia vai adquirindo nos primeiros anos do século XX, em função da alta incidência da tuberculose. Ver PEREIRA NETO, A. de Farias. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001, p. 48.

⁸ Em 1938 e 1939, além de continuar a construção de um sanatório em Jacarepaguá, foram iniciadas as construções de um hospital em São Paulo e mais nove em diversas capitais do país. Essas construções eram de alto custo. Ver: Barreira, Ieda de Alencar. *A enfermeira Ananéri no país do futuro*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 59.

⁹ A sessão de instalação dos trabalhos da Conferência contou, também, com a presença do representante do Prefeito da cidade do Salvador.

¹⁰ *Arquivos do IBIT*. Tomo II, 1938.

¹¹ *Idem*, p. 73.

¹² *Idem*, p. 77.

¹³ SILVEIRA, José. Alocução inaugural da 1ª Conferência Nortista de Tisiologia. In: *Arquivos do IBIT*. Tomo II, p. 73-80, 1938.

¹⁴ *Idem*, p. 85.

¹⁵ *Idem*, p. 82.

¹⁶ *Idem*, p. 82-84.

¹⁷ SILVEIRA, J. Em nome dos congressistas. In: *Arquivos do IBIT*, Tomo III, p. 56-57, 1939.

¹⁸ SILVEIRA, José. Bases para organização de luta anti-tuberculosa em face do atual momento epidemiológico do Brasil. In: *Arquivos do IBIT*. Tomo III, 1939, p. 61.

¹⁹ Freyre, G. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. 7. Ed. São Paulo: Global, 2004.

²⁰ Idem, p. 46.

²¹ Os autores que trabalharam com a temática relacionada ao regionalismo divergem quanto ao surgimento do discurso regionalista no Brasil. Francisco de Oliveira, por exemplo, discute a emergência do discurso regionalista no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Ele e Rosa Godoy Silveira apontam como questão importante para essa discussão a re-arrumação dos antigos espaços regionais a partir da inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho, abordando a temática a partir de uma perspectiva marxista de análise. Ver: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984; OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste planejamento e conflito de classe*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Durval Albuquerque Junior, estudando a constituição do discurso regionalista, numa abordagem foucaultiana, considera que as interpretações sobre o regionalismo têm em comum o entendimento da região como algo natural, definido geograficamente ou regionalizada pelo desenvolvimento do capitalismo com a regionalização das relações de produção. Para ele, o regionalismo nordestino aparece enquanto invenção imagética discursiva na segunda metade do século XX, estando associado ao sentimento de inferioridade, de vitimização, de estereotipização e à tentativa de ocupar espaços de poder perdidos principalmente para o eixo sul. Ver: ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e Outras Artes*.

²² ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Obra citada, p. 45-48.

²³ A Concentração Autonomista da Bahia foi criada em 1933 e desarticulada em 1937 com a implantação do Estado Novo. Reapareceu em 1945, reforçada e ampliada, para fazer frente ao governo de Getúlio Vargas no momento da chamada redemocratização. Ver: SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2000.

²⁴ *Arquivos do IBIT*, Vol. XII, Fasc. III e IV, p. 189-191, 1953.